



CURSO ONLINE DE TEOLOGIA

HAMARTIOLOGIA

Compreenda sobre a origem, extensão, consequências e força do pecado.



INSTITUTO DE TEOLOGIA
LOGOS

INSTITUTO DE TEOLOGIA LOGOS

PREPARANDO CRISTÃOS PARA A DEFESA DA FÉ

CURSOS DE TEOLOGIA 100% Á DISTÂNCIA

DISCIPLINA

HAMARTIOLOGIA

(Organizado pelo Setor Acadêmico do ITL)

BRASIL, MA

Versão 2021

Pesquisa e Organização do Conteúdo:

Instituto de Teologia Logos, EA

Gráficos, Edição e Finalização:

Instituto de Teologia Logos, EEG

DADOS DE CATALOGAÇÃO INTERNA DA PUBLICAÇÃO – DCIP

CÓDIGO DCIP: 001-009-2021-1

CÓDIGO DISCIPLINA: ITLON09

LOGOS, Instituto de Teologia (ORG). **HAMARTIOLOGIA.**

MARANHÃO: PUBLICAÇÕES ITL, 2021. 93 pgs.

Instituto de Teologia Logos – Diretoria de Ensino

Barra do Corda - MA - Brasil - 65950-000

(99) 98433-5387 | institutedeteologialogos@hotmail.com

SUMÁRIO

1 - PORQUE ESTUDAR HAMARTIOLOGIA	8
2 - A ORIGEM DO PECADO.....	12
2.1. CONCEITOS HISTÓRICOS A RESPEITO DA ORIGEM DO PECADO	12
2.2. DADOS BÍBLICOS A RESPEITO DA ORIGEM DO PECADO.....	13
2.3. A NATUREZA DO PRIMEIRO PECADO OU DA QUEDA DO HOMEM	15
2.4. O PRIMEIRO PECADO OU A QUEDA COMO OCACIONADA PELA TENTAÇÃO	16
2.5. A EXPLICAÇÃO EVOLUCIONISTA DA ORIGEM DO PECADO.....	19
2.6. OS RESULTADOS DO PRIMEIRO PECADO.....	20
3 - O CARÁTER ESSENCIAL DO PRIMEIRO PECADO.....	22
3.1. TEORIAS FILOSÓFICAS A RESPEITO DA NATUREZA DO MAL.....	22
3.2. A IDÉIA BÍBLICA DO PECADO.....	26
3.3. O CONCEITO PELAGIANO DE PECADO	29
3.4. O CONCEITO CATÓLICO ROMANO DO PECADO	31
3.5. A PECAMINOSIDADE DE TODOS.....	32
3.6. SER MERECEDOR DE CASTIGO	32
3.7. A SALVAÇÃO DAS CRIANÇAS	32
4 - A TRANSMISSÃO DO PECADO.....	35
4.1. RESENHA HISTÓRICA - ANTES DA REFORMA.....	35
4.2. APÓS A REFORMA	36
4.3. A UNIVERSALIDADE DO PECADO.....	37
4.4. A RELAÇÃO DO PECADO DE ADÃO COM O DA RAÇA.....	39
4.5. TEORIAS QUE EXPLICAM A RELAÇÃO ENTRE ADÃO E A RAÇA.....	39
4.6. TEORIA DA IMPUTAÇÃO IMEDIATA	41
4.7. O PECADO ORIGINAL NA VIDA DA RAÇA HUMANA.....	42
4.8. CULPA ORIGINAL.....	44
4.9. CORRUPÇÃO ORIGINAL.....	45
4.10. DEPRAVAÇÃO TOTAL.....	45
4.11. INCAPACIDADE TOTAL.....	46
4.12. O PECADO ORIGINAL E A LIBERDADE HUMANA	48
4.13. A TEOLOGIA DA CRISE E O PECADO ORIGINAL	48
4.14. OBJEÇÕES À DOCTRINA DA DEPRAVAÇÃO TOTAL E DA INCAPACIDADE TOTAL	50
4.15. O PECADO FATUAL	51
4.16. RELAÇÃO ENTRE O PECADO ORIGINAL E O PECADO FATUAL.....	51
4.17. CLASSIFICAÇÃO DOS PECADOS FATUAIS.....	52
4.18. O PECADO IMPERDOÁVEL	53
4.19. A CONCEPÇÃO CALVINISTA SOBRE TAL BLASFÊMIA	54

4.20.	PASSAGENS QUE FALAM SOBRE A BLASFÊMIA.....	55
5 -	A PUNIÇÃO DO PECADO	57
5.1.	PUNIÇÕES NATURAIS E POSITIVAS.....	57
5.2.	A NATUREZA E O PROPÓSITO DAS PUNIÇÕES	58
5.3.	O CASTIGO EFETIVO DO PECADO.....	60
5.4.	MORTE ESPIRITUAL.....	61
5.5.	OS SOFRIMENTOS DA VIDA	61
5.6.	MORTE FÍSICA	62
5.7.	MORTE ETERNA	63
6 -	O COMEÇO DO PECADO	65
7 -	PECADO ORIGINAL – UMA ANÁLISE TEOLÓGICA.....	68
7.1.	CONCEITOS JUDAICOS	68
7.2.	O AGNOSTICISMO	68
7.3.	O PELAGIANISMO.....	68
7.4.	O SEMIPELAGIANISMO	69
7.5.	A TRANSMISSÃO NATURAL OU GENÉTICA.....	69
7.6.	A IMPUTAÇÃO MEDIADA	69
7.7.	O REALISMO	69
7.8.	O FEDERALISMO	70
7.9.	UMA TEORIA INTEGRADA.....	71
8 -	EXISTÊNCIA E DEFINIÇÕES DO PECADO.....	75
9 -	CARACTERÍSTICAS DO PECADO.....	80
10 -	FORÇA E EXTENSÃO DO PECADO	83
11 -	CONSEQUÊNCIAS DO PECADO	90

APRESENTAÇÃO

Seja bem-vindo(a), caro(a) aluno(a)!

Parabéns pela sua decisão de transformação, pois isso também mostra o quanto você está comprometido em contribuir com a transformação da igreja e da sociedade onde você está inserido.

O Instituto de Teologia Logos estará acompanhando você durante todo este processo, pois “os homens se educam juntos, na transformação do mundo”.

Os materiais produzidos oferecem linguagem simples, completa e de rápida assimilação, contribuindo para o seu desenvolvimento bíblico, teológico e ministerial, para desenvolver competências e habilidades e aplicar os conceitos, fundamentos e prática na sua área ministerial, possibilitando você atuar em favor do Reino de Deus com mais excelência. Nosso objetivo com este material é levar você a aprofundar-se no conteúdo, possibilitar o desenvolvimento da sua autonomia em busca de outros conhecimentos necessários para a sua formação bíblica, teológica e ministerial.

Portanto, nossa distância nesse processo de crescimento e construção do conhecimento deve ser apenas geográfica. Utilize todos os materiais didáticos e recursos pedagógicos que disponibilizamos para você. Acesse regularmente a Área do Aluno, participe no grupo online com o tutor online que se encontra disponível para sanar suas dúvidas e auxiliá-lo(a) em seu processo de aprendizagem, possibilitando-lhe trilhar com tranquilidade e segurança sua trajetória acadêmica.



AULA
01

1 - PORQUE ESTUDAR HAMARTIOLOGIA

O ensino bíblico a respeito do pecado apresenta nitidamente dupla face: a depravação abissal da humanidade e a sobrepujante glória de Deus. A sombra do pecado está sobre cada aspecto da existência humana. Fora de nós, o pecado é um inimigo que seduz; por dentro, compele-nos ao mal, como parte de nossa natureza caída. Nesta vida, o pecado é intimamente conhecido, ainda que permaneça estranho e misterioso. Promete a liberdade, mas escraviza, produzindo desejos que não podem ser satisfeitos. Quanto mais nos debatemos para escapar ao seu domínio, tanto mais inextricavelmente nos enlaça. Compreender o pecado nos ajuda no conhecimento de Deus, porém o pecado distorce até mesmo nosso conhecimento do próprio-eu. Mas se a luz da iluminação divina consegue penetrar essas trevas, e não somente as trevas mas também a própria luz, então poderão ser melhor analisadas.

Percebe-se a importância prática do estudo do pecado na sua gravidade. O pecado é contra Deus. Afeta a totalidade da criação, inclusive a humanidade. Até mesmo o menor dos pecados pode provocar o juízo eterno. E o remédio para o pecado é nada menos que a morte de Cristo na cruz. Os resultados do pecado abrangem todo o terror do sofrimento e da morte. Finalmente, as trevas do pecado demonstram – num contraste nítido e terrível – a glória de Deus.

A importância prática do estudo da natureza do pecado também pode ser percebida no seu relacionamento com outras doutrinas. O pecado distorce todos os conhecimentos e lança dúvidas sobre eles. Ao defendermos a fé cristã, defrontamos com um dilema ético: como pode existir o mal no mundo governado por um Deus onipotente e inteiramente bom?

O estudo da natureza divina deve considerar o controle providencial de Deus sobre um mundo amaldiçoado pelo pecado. O estudo do Universo deve descrevê-lo como tendo sido criado bom, mas que agora geme, ansiando pela redenção. O estudo da humanidade deve considerar a natureza humana, que se tornou grotescamente desumana e desnaturada. A doutrina de Cristo depara-se com a pergunta de como a natureza plenamente humana do Filho de Deus, nascido de uma virgem, pode ser totalmente impecável. O estudo da salvação deve declarar não somente para qual destino a humanidade é salva, mas também de qual destino foi resgatada. A doutrina do Espírito Santo deve considerar a convicção e a santificação, levando em conta a carne pecaminosa. A doutrina eclesial deve adaptar seu ministério a essa humanidade distorcida pelo pecado, dentro e fora da Igreja. O estudo dos tempos do fim precisa descrever, e também defender, o juízo divino contra os pecadores ao mesmo tempo em que aponta o fim do

pecado. Finalmente, cabe à teologia praticar, evangelizar, aconselhar, educar, governar a Igreja, influir na sociedade e encorajar a santidade a despeito do pecado.

O estudo do pecado, entretanto, apresenta muitas dificuldades. É revoltante, pois focaliza a fealdade grosseira do pecado generalizado e flagrante e o logro sutil do secreto e pessoal. A sociedade pós-cristã de hoje reduz o pecado a sentimentos ou atos, desconhecendo ou rejeitando totalmente o mal. Mais insidiosamente, o estudo do pecado é frustrado pelo próprio mal, uma vez que este é irracional por natureza.

O número de conceitos extrabíblicos é imenso. A despeito de não serem bíblicos, estudá-los é importante porque nos permite:

- Pensar mais clara e bíblicamente a respeito do Cristianismo;
- Defender melhor a fé e elaborar uma crítica mais correta dos outros sistemas;
- Avaliar mais criticamente as novidades em psicoterapias, programas políticos, abordagens educacionais, e assim por diante;
- Ministar de modo mais eficaz aos crentes e não-crentes que mantêm essas e outras idéias antibíblicas.

Muitas teorias, tomando como ponto de partida o existencialismo de Soren Kierkegaard, argumentam que os seres humanos enfrentam um dilema quando suas limitadas capacidades são inadequadas para satisfazer as possibilidades e escolhas virtualmente limitadas de suas percepções e imaginações. Tal situação produz tensão, ansiedade. O pecado é a tentativa fútil de se resolver à tensão, através de meios inapropriados, ao invés de aceitá-la de modo pessimista ou, no modo cristão de pensar, voltar-se para Deus.

Num desdobramento mais radical, argumenta-se que a existência individual é um estado pecaminoso porque as pessoas estão alienadas da base da realidade (freqüentemente definida como “deus”) e umas das outras, mutuamente. Esse tema já aparece em forma primitiva com o filósofo judaico Filo. Atualmente, expressam-no teólogos liberais, como Paul Tillich, muitas das religiões orientais e o pensamento da Nova Era.

Alguns acreditam que o pecado e o mal não sejam reais, porém meras ilusões que podem ser vencidas pela percepção correta. A Ciência Cristã, o hinduísmo, o budismo, o pensamento positivo de alguns tipos de cristianismo popular, boa parte da psicologia e aspectos do movimento da Nova Era ressoam essa teoria.

O pecado também tem sido interpretado em termos dos restos não envolvidos de características animais primevas, como a agressão. Os defensores dessa idéia dizem que a

história do Éden é realmente um mito a respeito do desenvolvimento da consciência moral, e não uma queda.

A teologia da libertação entende que o pecado é a opressão de um grupo da sociedade por outro. Os teólogos da libertação freqüentemente combinam as teorias econômicas de Karl Marx (que falam da luta entre as classes, em que o proletariado acabará vencendo a burguesia) com temas bíblicos (tais como a vitória de Israel contra a escravidão) e também identificam os oprimidos pelo emprego de termos econômicos, raciais, de distinção entre os sexos e outros. O pecado é eliminado pela remoção das condições sociais que provocam a opressão. Os extremistas propõem a derrubada violenta dos opressores irredimíveis, ao passo que os moderados enfatizam a mudança através da ação social e da educação.

Entre os mais antigos conceitos de pecado está o dualismo, a crença de que há uma luta entre forças preexistentes iguais (virtual ou realmente) - os deuses do bem e do mal. As duas forças cósmicas, com sua luta, são a causa da pecaminosidade na esfera temporal. Muitas vezes, a matéria má (especialmente a carne) ou contém ou realmente é pecado, que deve ser conquistado. Essa idéia aparece nas religiões do Oriente Próximo antigo, como o gnosticismo, o maniqueísmo e o zoroastrismo. Em muitas versões do hinduísmo e do budismo bem como na sua descendente, a Nova Era, o mal é reduzido a uma necessidade amoral.

A teologia moderna vê “deus” como finito ou até mesmo em evolução moral. E o mundo sofrerá males enquanto o lado escuro da natureza divina não for controlado, idéia típica da mistura que a teologia do processo faz com a física e o misticismo oriental.

Grande parte do pensamento popular, o cristianismo desinformado, o islamicismo e muitos sistemas moralistas sustentam que o pecado consiste somente em ações deliberadas. Pessoas moralmente livres simplesmente fazem escolhas livres. Não existe a natureza pecaminosa, apenas eventos reais do pecado. A salvação é simplesmente comportar-se melhor e praticar o bem.

O ateísmo sustenta que o mal é meramente uma probabilidade de um cosmos sem Deus. O pecado é rejeitado, a ética é apenas questão de preferência, e a salvação, mera autopromoção humanística.

Embora muitas dessas teorias pareçam conter algum discernimento, nenhuma delas aceita a Bíblia como revelação plenamente inspirada. As Escrituras ensinam que o pecado é real e pessoal; que se originou na queda de Satanás, um ser pessoal, maligno e ativo; e que, através da queda de Adão, propagou-se entre a humanidade, que fora criada boa por um Deus totalmente bom.



AULA
02

2 - A ORIGEM DO PECADO

O problema do mal que há no mundo sempre foi considerado um dos mais profundos problemas da filosofia e da teologia. É um problema que se impõe naturalmente à atenção do homem, visto que o poder do mal é forte e universal, é uma doença sempre presente na vida em todas as manifestações desta, e é matéria da experiência diária na vida de todos os homens.

Os filósofos foram constrangidos a encarar o problema e a procurar uma resposta quanto à origem de todo mal, e particularmente do mal moral, que há no mundo. A alguns, pareceu uma parte de tal modo integrante da vida, que buscaram a solução na constituição natural das coisas. Outros, porém, estão convictos que o mal teve uma origem voluntária, isto é, que se originou na livre escolha do homem, quer na existência atual quer numa existência anterior. Estes acham-se bem mais perto da verdade revelada na Palavra de Deus.

2.1. Conceitos Históricos a Respeito da Origem do Pecado

Os mais antigos “pais da igreja”, assim chamados, não falam muito definitivamente da origem do pecado, conquanto a idéia de que se originou na voluntária transgressão e queda de Adão no paraíso já achasse nos escritos de Irineu. Esta se tornou logo a idéia dominante na igreja, especialmente em oposição ao gnosticismo, que considerava o mal inerente à matéria e, como tal, produto do Demiurgo. O contato da alma humana com a matéria imediatamente a tornou pecaminosa. Essa teoria naturalmente priva o pecado do seu caráter voluntário e ético.

Orígenes procurou manter isso com a sua teoria do preexistencialismo. Segundo ele, as almas dos homens pecaram voluntariamente numa existência anterior e, portanto, entraram no mundo numa condição pecaminosa. Esta idéia platônica estava tão sobrecarregada de dificuldades que não pôde encontrar aceitação geral. Contudo, durante os séculos dezoito e dezenove foi defendida por Mueller e Ruckert, e por filósofos como Lessing, Schelling e J. H. Fichte. Em geral os chamados pais da igreja grega, do terceiro e do quarto século, mostravam certa inclinação para reduzir entre o pecado de Adão e o dos seus descendentes, ao passo que os “pais” da igreja latina ensinavam cada vez com maior clareza que a atual condição pecaminosa do homem encontra a sua explicação na primeira transgressão de Adão no paraíso.

Os ensinamentos da igreja oriental culminaram finalmente no pelagianismo, que negava a existência de alguma relação vital entre ambos, enquanto que os da igreja ocidental chegaram ao seu ponto culminante no agostinianismo, que acentuava o fato de que somos

culpados e corruptos em Adão. O semipelagianismo admitia a conexão adâmica, mas sustentava que isso explica apenas a corrupção do pecado, não a culpa.

Durante a Idade Média reconhecia-se geralmente essa conexão. Às vezes era interpretada à maneira agostiniana, mas com mais frequência, à maneira semipelagiana. Os reformadores compartilhavam os conceitos de Agostinho, e os socinianos os de Pelágio, enquanto que os arminianos moviam-se em direção ao semipelagianismo. Sob a influência do racionalismo e da filosofia evolucionista, a doutrina da queda do homem e de seus efeitos fatais sobre a raça humana aos poucos foi descartada.

A idéia do pecado foi substituída pela do mal, e este mal era explicado de várias maneiras. Kant o considerava como uma coisa pertencente à esfera super - racional, que ele confessava não ter condições de explicar. Para Leibnitz, devia-se às necessárias limitações do universo. Schleiermacher via sua origem na natureza sentimental do homem, e Ritschl na ignorância humana, ao passo que o evolucionista o atribui à oposição das propensões inferiores à consciência moral em seu desenvolvimento gradativo. Barth fala da origem do pecado como o mistério da predestinação.

O pecado originou-se na Queda, mas a Queda não foi um evento histórico; pertence à super-história (Urgeschichte). Adão foi de fato o primeiro pecador, mas a sua desobediência não pode ser considerada a causa do pecado do mundo. De algum modo, o pecado do homem está ligado à sua condição de criatura. A narrativa do paraíso apenas transmite ao homem a prazerosa informação de que ele não tem por que ser necessariamente um pecador.

2.2. Dados Bíblicos a Respeito da Origem do Pecado

Na Escritura, o mal moral existente no mundo transparece claramente como pecado, isto é, como transgressão da lei de Deus. Nela o homem sempre aparece como transgressor por natureza, e surge naturalmente a questão: Como adquiriu ele essa natureza? Que revela a Bíblia sobre esse ponto?

Deus Não Pode Ser Considerado o Autor do Pecado

O decreto eterno de Deus evidentemente deu a certeza da entrada do pecado no mundo, mas não se pode interpretar isso de modo que faça de Deus a causa do pecado no sentido de ser Ele o seu autor responsável.

Esta idéia claramente excluída pela Escritura. “Longe de Deus o praticar ele a perversidade, e do Todo-poderoso o cometer injustiça”, Jó 34.10. Ele o santo Deus, Is 6.3, e absolutamente não há falta de retidão nele, Dt 32.4; Sl 92.16. Ele não pode ser tentado pelo mal, e Ele próprio não tenta a ninguém, Tg 1.13. Quando criou o homem, criou-o bom e à Sua imagem. Ele positivamente odeia o pecado, Dt 25.16; Sl 5.4; 11.5; Zc 8.17; Lc 16.15, e em Cristo fez provisão para libertar do pecado o homem.

À luz disso tudo, seria blasfemo falar de Deus como o autor do pecado. E por essa razão, todos os conceitos deterministas que representam o pecado como uma necessidade inerente à própria natureza das coisas devem ser rejeitados. Por implicação, eles fazem de Deus o autor do pecado e são contrários, não somente à Escritura, mas também à voz da consciência, que atesta a responsabilidade do homem.

O Pecado Originou-se no Mundo Angélico

A Bíblia nos ensina que, na tentativa de investigar a origem do pecado, devemos retornar à queda do homem, na descrição de Gn 3 e fixar a tenção em algo que sucedeu no mundo angélico. Deus criou um grande número de anjos, e estes eram todos bons, quando saíram das mãos do seu Criador, Gn 1.31. Mas ocorreu uma queda no mundo angélico, queda na qual legiões de anjos se apartaram de Deus.

A ocasião exata dessa queda não é indicada, mas em Jó 8.44 Jesus fala do diabo como assassino desde o princípio (kat'arches), e em 1 Jo 3.8 diz João que o diabo peca desde o princípio. A opinião é a de que a expressão kai' arches significa desde o começo da história do homem.

Muito pouco se diz sobre o pecado que ocasionou a queda dos anjos. Da exortação de Paulo a Timóteo, a que nenhum neófito fosse designado bispo, “para não suceder que se ensoberbeça, e incorra na condenação do diabo”, 1 Tm 3.6, podemos concluir que, com toda a probabilidade, foi o pecado do orgulho, de desejar ser como Deus em poder e autoridade. E esta idéia parece achar corroboração em Jd 6, onde se diz que os que caíram “não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio”. Não estavam contentes com a sua parte, com o governo e poder que lhes fora confiado. Se o desejo de serem semelhantes a Deus foi a tentação peculiar que sofreram, isto explica por que tentaram o homem nesse ponto particular.

A Origem do Pecado na Raça Humana

Com respeito à origem do pecado na história da humanidade, a Bíblia ensina que ele teve início com a transgressão de Adão no paraíso e, portanto, com um ato perfeitamente voluntário da parte do homem. O tentador veio do mundo dos espíritos com a sugestão de que o homem, colocando-se em oposição a Deus, poderia tornar-se semelhante a Deus.

Adão se rendeu à tentação e cometeu o primeiro pecado, comendo do fruto proibido. Mas a coisa não parou aí, pois com esse primeiro pecado Adão passou a ser escravo do pecado. Esse pecado trouxe consigo corrupção permanente, corrupção que, dada a solidariedade da raça humana, teria efeito, não somente sobre Adão, mas também sobre todos os seus descendentes. Como resultado da Queda, o pai da raça só pôde transmitir uma natureza depravada aos pósteros. Dessa fonte não santa o pecado flui

numa corrente impura passando para todas as gerações de homens, corrompendo tudo e todos com que entra em contato.

É exatamente esse estado de coisas que torna tão pertinente a pergunta de Jó, “Quem da imundícia poder tirar coisa pura? Ninguém”, Jó 14.4. Mas ainda isso não tudo. Adão pecou não somente como o pai da raça humana, mas também como chefe representativo de todos os seus descendentes; e, portanto, a culpa do seu pecado é posta na conta deles, pelo que todos são passíveis de punição e morte. É primariamente nesse sentido que o pecado de Adão é o pecado de todos. É o que Paulo ensina em Rm 5.12: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. As últimas palavras só podem significar que pecaram em Adão, e isso de modo que se tornaram sujeitos ao castigo e à morte.

Não se trata do pecado considerado meramente como corrupção, mas como culpa que leva consigo o castigo. Deus adjudica a todos os homens a condição de pecadores culpados em Adão, exatamente como adjudica a todos os crentes a condição de justos em Jesus Cristo. É o que Paulo quer dizer, quando afirma: “pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida. Porque, como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos”, Rm 5.18,

2.3. A Natureza do Primeiro Pecado ou da Queda do Homem

Seu Caráter Formal

Pode-se dizer que, numa perspectiva puramente formal, o primeiro pecado do homem consistiu em comer ele da árvore do conhecimento do bem e do mal. Não sabemos que espécie de árvore era. Poderia ser uma tamareira ou uma figueira ou qualquer outra árvore frutífera. Nada havia de ofensivo no fruto da árvore como tal. Comê-lo não era pecaminoso per se, pois não era uma transgressão da lei moral. Quer dizer que não seria pecaminoso, se Deus não tivesse dito: “da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás”.

Não há opinião unânime quanto ao motivo pelo qual a árvore foi denominada do conhecimento do bem e do mal. Uma opinião das mais comuns é que a árvore foi chamada assim porque o comer do seu fruto infundiria conhecimento prático do bem e do mal; mas é difícil sustentar isso face à exposição bíblica segundo a qual, comendo-o, o homem passaria a ser como Deus, no conhecimento do bem e do mal, pois Deus não comete pecado e, portanto, não tem conhecimento prático dele. É muito mais provável que a árvore foi denominada desse modo porque fora destinada a revelar

PARABÉNS!!!

VOCÊ ACABOU DE LER O NOSSO CONTEÚDO!

Esta apostila é exclusiva para os alunos do Instituto de Teologia Logos... Se você ainda não está estudando conosco, nós estamos lhe oferecendo uma oportunidade de fazer sua inscrição com um excelente desconto e alguns bônus especiais.

Você só precisa clicar no link abaixo (ou copiar em seu navegador) para acessar nosso site e conhecer os cursos que estão disponíveis hoje!

:: CURSOS DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/cursos-de-teologia

:: BLOG DE TEOLOGIA ::

www.institutodeteologialogos.com.br/blog-de-teologia